ANNO 4.º — Sexta-feira, 6 de Outubro de 1911 — NUMERO 190

# O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

| | |
|---|---|
| Anno (Portugal e colonias) | 1$200 réis |
| Semestre | 600 réis |
| Brazil e estrangeiro (anno) moeda forte | 2$500 réis |
| Avulso | 20 réis |

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Praça Luiz de Camões

ANNUNCIOS

| | |
|---|---|
| Por linha | 40 réis |
| Communicados | 20 réis |

Annuncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

# GLORIOSA DATA

**Surgiu a nova aurora trazendo envolta no seu grande manto côr de purpura a Republica Portugueza. Foi ha um anno, a 5 de Outubro de 1910.**

**Hoje como então, como sempre, nós bradamos:**

**VIVA A REPUBLICA!**

## Um anno depois

Ha um anno já que a Republica Portugueza é uma realidade palpavel e ao nosso espirito evocador ainda parece que foi hontem que se deu a humanitaria revolução que a proclamou. E de então para cá quantas esperanças perdidas! Quantas desillusões desfeitas! Sim, a desillusão, o desespero que invade os sinceros republicanos, que amargura os revolucionarios, não provém do regimen que livremente proclamaram e que defenderão através de tudo, mas sim dos pseudo-republicanos que, nada arriscando na madrugada de 4 d'Outubro de 1910, se apoderaram da Republica, arvorando-se em seus mentores, falseando a sua missão e pactuando criminosamente com os adversarios da vespera.

O que é feito dos inflamados tribunos que nos comicios constantemente ameaçavam a *ominosa* com a justiceira vindicta da cholera popular n'uma rubra madrugada rehabilitadora? Que prometteram ao povo electrisado por uma rethorica incendiaria, embora sediça, de com elle verter o seu sangue de revolucionario *sans-cullote* do alto das barricadas? Sim, o que é feito d'elles?

Degeneraram, não ha duvida, nos mais accomodaticios e grotescos conselheiros, dignos emulos de *Pacheco*, atraiçoando ignobilmente todo um passado de propaganda e os principios que fizeram grande e temido o partido republicano historico.

Ninguem os viu na rua batendo-se ao lado do povo, chefiando-o, na Rotunda ou em Alcantara. Ninguem os lobrigou tão pouco no ataque aos quarteis como horas antes na historica reunião da rua da Esperança tinham promettido. Mas, em compensação, toda a gente os vê impavidos collaborando com afan n'uma politica criminosa, que irrisoriamente denominam *d'attracção*, quando, com mais propriedade se póde appelidar de traição. Todo o mundo os enxerga mancommunados com odiosos *caciques* da extincta monarchia, n'uma pressa insofrida e immoral de constituirem partido e clientella, embora para o conseguir pontapeiem velhos e dedicados correligionarios e desgostem organisações partidarias existentes no paiz.

E o resultado de tudo isto, de tanta imbecilidade de paz com tanta vileza, estamos nós agora presenceando com o levantar da grimpa dos adversarios, ainda hontem humilhados e reduzidos á mais simples expressão, e já agora esperançados n'uma proxima e feroz *revanche*, que ha dias deu os primeiros signaes na capital do norte e arredores.

Não pode, pois, restar duvida que a orientação d'estes corypheus do conselheirismo republicano, a proseguir, pode trazer á Republica, que outros fizeram para elles disfructar sérias complicações, se o patriotismo do povo não se fizer sentir mais uma vez e de maneira bem eloquente junto d'aquelles que tão facilmente esqueceram o que deviam a um passado de coherencia e de honestidade politica. Só o povo, pois, é que pode obstar á continuação de uma tão criminosa politica, que ameaça frustrar por completo os propositos do generoso movimento de que hoje festejamos o primeiro anniversario. E só elle é capaz de defender a Republica se, por ventura, alguma vez ella perigar, pois que, como no 4 de Outubro, ninguem seria capaz de os ver—aos conselheiros da Republica—arriscar a *vida* para defeza do regimen vigente, que é hoje o mais seguro penhor da nossa condição de nação livre e independente e a mais sorridente esperança de melhoria do nosso bem estar social.

Por isso é cabido o conselho ao povo de que, muito embora festejando o primeiro anniversario da proclamação da Republica, se não deixe embalar com o cantar da sereia, vigiando attento o desenrolar do trama que, contra a Republica, antigos republicanos, de par com ignobeis caciques do regimen deposto, estão urdindo. A Republica tem que ser, tanto quanto possivel, democratica, progressiva e radical, de contrario, não será o preconisado regimen de socego e bem-estar que os caudilhos no tempo dos comicios promettiam ao povo. Só assim ella satisfará todos os patriotas e corresponderá ao momento historico que a tornou possivel.

Que os pseudo-republicanos pensem n'isto, sendo doloroso que após um anno de Republica ainda haja ensejo de escrever artigos d'este theor.

**Aído.**

## 5 DE OUTUBRO DE 1910

Patria, minha amada, eu te saudo! Todo o bom cidadão deve estar sempre prompto a combater pela tua defeza e a morrer por ti.

Todas as nações festejam as datas gloriosas da sua historia; não é de mais que a nossa commemore hoje o primeiro anniversario da implantação do regimen que o progresso e a liberdade vincularam á nossa terra, tornando-o uma razão de ser da sua livre existencia politica. Celebra-se hoje a Republica Portugueza, celebra-se tambem o começo d'uma epoca gloriosa como nenhuma outra da nossa historia contemporanea, cuja recordação deve ficar resoando para sempre melodiosamente no coração de todos quantos amem a sua patria, de ha muito sequiosa de justiça, de moralidade, de governo e de progresso.

As patrias não são a creação arbitraria e malfaseja de eu não sei que más vontades aristocraticas ou capitalistas; são um estadío necessario na evolução constante da humanidade para uma organisação mais racional e harmoniosa.

São como os individuos e as familias d'esta patria superior e ainda não organisada, que é a humanidade em seu conjuncto.

Em uma nação, os individuos e as familias devem viver e defender-se para que ella seja grande. E' a sua personalidade vigorosa e livremente disciplinada que cria a força da vida collectiva.

Façamos a nossa patria tão grande, tão bella quanto possivel. Defendamol-a contra aquelles que queiram destruil-a, contra esses que ainda agora tentaram, no seu miseravel retrocesso, desenrolar com todas as suas luctas, e agitações e horrores o quadro lastimoso e horrendo do decenio turbulento, ensanguentado e infame que decorre desde 1841 a 1851. Tornemol-a temivel para que seja respeitada, tornemol-a forte para que possa fazer ouvir a sua voz no concerto das nações civilisadas.

Quanto mais amarmos a patria, por nossa melhoria pessoal de virtude e de honra, mais amaremos a Republica, e o dever e o interesse estão d'accordo em nos darem uma lei de patriotismo. O verdadeiro patriotismo, que não é aggressivo nem brigão, mas que não soffre a escravidão, é para nós o amor da Republica.

Viva a Republica Portugueza!

*Capitão* **José Queimada**

## Miguel Bombarda e Candido dos Reis

A' revolução de Outubro andam intimamente ligados os nomes d'estes dois grandes homens que Portugal admirava pelo seu espirito de emancipação e que pereceram, um ás mãos d'um louco, quiçá armado pela reacção para aniquilar o seu maior inimigo, outro, o almirante Candido dos Reis, com uma bala com que elle proprio se quiz matar nos primeiros momentos revolucionarios, por ventura indignado com a falta d'aquelles que se haviam compromettido a acompanhal-o e com elle combater pela Republica.

Fizeram falta e por isso todo o paiz republicano os chora e lhes presta n'este momento de regosijo nacional, as homenagens a que tem direito quem tanto trabalhou e se sacrificou pelo triumpho da causa democratica.

## UM CAMARADA

Da brilhante e já agora historica pleiade de patriotas com reconhecidos serviços prestados á causa da Republica e dos opprimidos Manuel Dias Ferreira é, sem duvida alguma um dos que mais se impõe ao nosso reconhecimento de portuguezes e de democratas.

Temperamento revolucionario por excellencia, sabia grir ou apoucar o seu semelhante.

Collaborador d'este jornal d'esde a sua fundação, foi elle um dos que mais contribuiu para a desseminação das ideias democraticas entre os seus conterraneos da freguezia de Cacia. Os seus artigos, as suas chronicas despretenciosamente escriptas, assignadas com o pseudonymo de *Aido* ou *Aido de Cima*, eram sempre acolhidas festivamente, merecendo algumas vezes a honra da transcripção n'outros jornaes. Sómente quem lhe não achava graça eram os *caciques* e seus serventuarios que o nosso biographado fustigou impiedosamente.

A sua acção revolucionaria data de muito antes do malogrado movimento de 28 de janeiro.

Foi elle um dos mais ousados agentes de cathechisação revolucionaria pelos quarteis, desde a officialidade dos quaes muitos foram seus condiscipulos, até á soldadesca a que se ligou, tornando-se um dos mais activos e solidos esteios da Carbonaria Portugueza, não obstante a impenetravel discrição que sempre guardou perante amigos, ainda os mais intimos. D'uma modestia sem affectação ninguem até hoje foi capaz de lhe descortinar a mais pequena parcella de soberba.

Illustrado como poucos por que, além do curso superior do commercio, tem grande numero de cadeiras do curso de minas do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, nunca a sua erudição serviu para alardes, nem para dene-

quem com grave risco da sua liberdade prelecionava a necessidade da Revolução, distribuindo-lhe pamphletos e cartilhas de propaganda republicana ou iniciando-os na Carbonaria quando se lhe deparava possuirem os necessarios requesitos para ingressarem n'aquella benemerita associação secreta.

Assim, entre os regimentos que mais trabalhados foram pelo nosso biographado destaca-se infanteria 16 e artilharia 1, precisamente os unicos que abertamente vieram para a rua aclamar a Republica na gloriosa madrugada de 4 d'outubro.

A elle e outros heroes civis, se deve o feito inolvidavel e unico talvez na Historia, de se conseguir sublevar a favor da Republica um regimento inteiro, sem o concurso d'officiaes ou sargentos republicanos, que os não havia em infanteria 16.

Este feito é tanto mais notavel, quanto é certo que foi o heroico 16 de Campo d'Ourique, a chamada *tia Joanna*, que iniciou a memoravel Revolução de 4 d'Outubro, não hesitando em se antecipar de muito tempo á marinha e a artilharia 1, ao passo que outras unidades onde havia abundancia d'officiaes e sargentos republicanos se quedaram n'uma criminosa espectativa a ver em que paravam as modas.

Emfim, em Mannel Dias Ferreira admiramos o propandista incançavel do ideal republicano, o chefe revolucionario prestigioso, o homem que soube completar a palavra com a acção, como provou assaltando na historica madrugada de 4 d'outubro com reduzido numero de civis, egualmente valorosos, as casernas e arrecadações do 16 de infanteria, arrastando o regimento para a rua, entrando com elle em artilharia 1, e protegendo com paizanos do seu commando, armados e municiados, o flanco esquerdo da artilharia na acidentada marcha da columna revolucionaria para a Rotunda, onde se bateu até á implantação da Republica.

O *Democrata* publicando hoje, primeiro anniversario da Republica, o seu retrato e as linhas que o antecedem, de homenagem ao seu caracter e á sua intransigencia de republicano revolucionario, sente n'isso uma grande satisfação, não só por consagrar um vulto de destaque da gloriosa jornada de 4 da outubro, qne bem merece de Patria, mas tambem para lhe testemunhar o muito que lhe deve pela sua collaboração desinteressada e valiosa.

## Um episodio da revolução de Outubro

«Ao romper da manhã do dia 4, estavam no quartel de infantaria 16 as praças que não tinham ido para a Rotunda, talvez cem homens. Um forte grupo de populares desarmados—talvez quatrocentos—dirigiu-se á porta do quartel a pedir armas e munições. De uma janella, o alferes Celestino Soares explicou ao povo que no quartel havia escassamente as armas e o municiamento das praças, que lá tinham ficado e aconselhou-o a dispersar.

Pelo meio-dia recebeu-se a ordem do quartel general para que a força disponivel do 16 marchasse para as Necessidades. N'essa occasião defendia o paço a guarda de infantaria 2, dividida em quatro secções. A 1.ª, postada em frente do palacio, era commandada por um capitão e pelo alferes Leite; a 2.ª, no picadeiro; a 3.ª, na porta do convento; a 4.ª, no pateo do Rilvas. Caçadores 2 tomava com as metralhadoras as embocaduras das ruas. O contingente de infantaria 16, mal chegado, formou com o primeiro troço de infantaria 2, com a frente para o palacio, e immediatamente rompeu sobre elles vivo fogo do quartel dos marinheiros. Então infantaria 16 retira para a tapada das Necessidades e os homens deitam-se no chão, por traz d'um terraço ao abrigo do fogo.

N'esta altura subia a tapada o ajudante de campo Vellez Caldeira, dizendo que ia fallar ao rei, e o alferes Celestino Soares acompanhou-o. Já se estava fazendo o bombardeamento do paço e o rei Manuel tinha abandonado o edificio. Vellez Caldeira e Celestino Soares encontraram-no á porta do picadeiro, de pé, junto a uma cadeira, muito pálido, tirando e pondo com a mão direita dois anneis da mão esquerda. Proximo d'elle e a cavallo, estava o tenente da municipal, Raul de Menezes. Estavam tambem presentes o marquez do Fayal, conde de Tarouca, conde de Sabugosa, dr. Ravara, Waddington e Lavradio.

O rei, dirigindo-se ao alferes Celestino Soares, perguntou-lhe qual era a sua impressão pessoal sobre as condições de defeza do Paço, sendo-lhe respondido que não poderia resistir a um ataque violento.

—Então parece-lhe que isto está mal?

—Parece-me que não poderemos resistir efficazmente.

O conde de Tarouca exclama:

—Não quer dizer nada! Mandam-se vir mais tropas fieis.

Alferes Celestino Soares:

—D'onde?

Tarouca:

—Então? Temos infantaria 1...

Alferes Soares:

—Não pode passar d'Alcantara.

Tarouca:

—Infantaria 2...

Alferes Soares:

—Infantaria 2, com as baterias de Queluz tenta n'este momento um ataque envolvente á Rotunda.

Tarouca:

—E o resto?

Alferes Soares:

—Estão guardando os bancos, o Arsenal do Exercito, etc...

O rei ouve calado e d'olhos no chão. De subito, volta-se para Raul de Menezes e pergunta:

—V. responsabilisa-se pela minha vida?

Ao que este responde:

—Emquanto fôr vivo não tocarão em V. M. Mas um morto não póde responder por ninguem.

Do lado gritavam ao rei:

—Ouve, ouve? V. M. já cumpriu o seu dever. Agora seria temeridade ficar. Saiamos emquanto é tempo.

O rei volta-se então para o alferes Celestino Soares, a quem trata pela primeira vez por tu, e diz-lhe:

**—Vae ao telephone e diz-me já ao presidente do concelho, que se estiver algum "destroyer,, inglez no Tejo, lhe mande dizer què metta no fundo os navios portuguezes.**

O alferes Soares vae ao telephone, collocado no quarto do commandante do posto do picadeiro, manda ligar para o aspirante alferes Leite no posto principal da guarda de infantaria 2 e diz-lhe textualmente:

—Diz el-rei que o presidente do conselho já tem ordem para, se estiver no Tejo algum *destroyer* inglez, metter no fundo os barcos portuguezes.

O aspirante Leite responde:

—Bem; fico sabendo.

O sr. Celestino Soares volta para junto do rei e communica-lhe:

—Acabo de cumprir as ordens de V. M.

Depois cavalgou o muro para vigiar os arredores e, como tudo estivesse tranquillo, o rei e a comitiva subiram uma escada, passaram para a quinta pegada ao palacio, onde se estava construindo, diz-se, a futura residencia da rainha Amelia, e por ahi foram até ao automovel.

O ultimo a sahir foi o dr. Ravara, que perguntou ao alferes:

—Você fica?

Ao que este respondeu:

—Que hei-de fazer?!

A' noite, estando os officiaes reunidos, o alferes Celestino Soares communicou ao commandante da primeira brigada de infantaria, Brito e Abreu, sob cujas ordens estava a guarnição do paço, a ordem que o rei lhe déra e como elle a não cumprira.

Brito e Abreu diz-lhe:

—Se v. quizer transmittir essa ordem ao presidente do concelho, transmitta-a. Eu recuso-me terminantemente a isso.

E ninguem a cumpriu.»

# Do Porto

### «PAIVANTES»

Tivemol-os, emfim, os celebrados *paivantes*, ao alcance de tiro de espingarda.

Cautelosamente, appareceram pela calada da noite, invadiram o Porto pelos lados de Villar e iam assentar arraiaes a coberto da matta do Palacio de Crystal quando... occorre-me aqui uma interessantissima phrase de um lente da Escola do Exercito, o fallecido capitão de cavallaria Fernando Maia, que vem a proposito.

Fernando Maia era um grande apaixonado pela sua arma, um enthusiasta pelos serviços de cavallaria, sobre que escreveu obras de valor. Era justamente considerado um official distincto, um bom estrategista, e como tal, fôra nomeado lente da 3.ª cadeira: tactica e estrategia.

Estávamos um bello dia na aula. Fernando Maia chama um dos meus condiscipulos do curso de cavallaria, não me recordo qual, e põe em questão uma força de cavallaria que é incumbida de occupar rapidamente um determinado ponto, mantendo-se n'elle o tempo julgado suficiente para o desenvolvimento de outras operações das tropas em combate.

—Se fôr atacado, pergunta o lente, por forças d'infanteria?

—Resisto, com fogos fazendo apear parte da minha força, etc,. e o alumno discreteia sobre o seu plano de resistencia.

—Mas o alumno reconhece que a força inimiga, é superior á sua...

—Continuo a resistir, carregando com o resto da minha força montada, etc., e o rapaz novamente desenvolve o seu tema.

—Mas o inimigo é reforçado, insiste Fernando Maia gravemente.

—Eu procuro resistir ainda... e novamente expõe como.

—Muito bem. Mas o alumno vê n'esta altura que o seu adversario procura envolvel-o e cortal-o do grosso das suas tropas.

—Eu... eu... tartamudeia, atrapalhadissimo, o rapaz. Eu... mandava montar e fugia...

Fernando Maia apruma-se na cadeira, encosta-se vagarosamente como que assombrado do que ouvia e diz momentos depois na sua voz pesado e grossa ao alumno assarampantado com a attitude grave do mestre:

—A cavallaria não foge... a cavallaria retira!

Ora, é o caso. Aproveitando as sombras da noite, os *paivantes* não fugiram... os *paivantes* retiraram cautelosamente.

Mas que queria esta gente, no fim de contas?

A' imitação do que succedeu com os republicanos de 5 de outubro, que procuraram a noite para que ella lhes protegesse o ataque glorioso ás crapulosas instituições monarchicas, procuraram tambem estes a noite... mas para que lhes protegesse a fuga.

E tão imbecis, tão inconscientes ou tão doidos, que sabendo que ás tres da tarde já no Porto era conhecida e nos centros de cavaco era discutida a... revolta? preparada para essa noite, sabendo que não contavam com qualquer elemento militar de valor, como succedeu com a revolta republicana, que tinha tres regimentos como nucleo e fortes adhesões em muitos outros, sabendo o estado de excitação do povo do Porto, cançado de uma longa e impaciente espectativa de muitos mezes e cada vez mais ancioso, á medida que a annunciada invasão se protelava, de liquidar velhas contas com *paivantes* e reaccionarios, sabendo que os republicanos do Porto lhes vigiavam os passos attenta e cuidadosamente, que não os perdiam de vista um momento só, tentando pôr-se em campo, tentam a farçada da contra-revolução, que acabou afogada no ridiculo porque começára: uns dando ás de villa diogo com quanta destreza podiam chamar aos calcanhares; outros arvorando uma bandeira de papel—ó pelintrissima borracheira—para proclamar a monarchia; outros, organisando-se em... batalhão fadista, armado de grandes facalhões para cozer a naifadas todos aquelles que tiveram a pouca vergonha de arrancar o paiz das unhas da quadrilha que o explorava, e arrancar-lhes, a elles, a uns o fucinho que ha muito já tinham permanentemente mettido dentro da gamella orçamental, a outros a esperança de virem ainda a mettel-o lá, para saciarem emfim a lazeira chronica que eternamente os devora.

Mas, pergunto: quaes as razões de ordem politica, economica, racional, social, que levam tal gente a procurar implantar de novo a monarchia?

O governo monarchico estava inteiramente desacreditado no estrangeiro, os seus ministros tidos como ineptos e incompetentes uns, como infieis e concussionarios outros; o paiz crivado de dividas que os monarchicos lhe arranjaram, sem honra, nem brio, nem dignidade que tudo perdeu nas carrapatas do Credito Predial, da questão Hinton, dos adeantamentos, dos sobscriptos, das lettras protestadas da casa real, etc., etc., etc.

As leis não se cumpriam, o arbitrio substituira a carta constitucional e toda a actividade ministerial se concentrava em eleições, afilhados e compadres, compadres, afilhados e eleições.

Do exercito mal se cuidava; na marinha nem se falla; colonias o mesmo era que não existissem; instrucção elementar nem mesmo convinha — a monarchia não tencionava suicidar-se, e instruir o povo era dar o laço em que se havia de estrangular—escolas, portanto, não existiam; o orçamento era sempre a esfinge que todos conheceram: era preciso dinheiro, recorria-se invariavelmente ao emprestimo; marinha mercante não havia, nem procurava desenvolver-se; commercio pequeno, para o que podiamos e deviamos ter; industria quasi insignificante; agricultura atrazada e sobrecarregada, etc., etc., etc.

Que circumstancias desconhecidas militam então em favor do deposto regimen para que tão anciosamente se deseje da parte dos já agora conhecidos como *paivantes?*

Onde estão as reconditas excellencias d'esse regimen que durante 80 annos, só empobreceu, expoliou e bestialisou o paiz?

Onde os predicados latentes d'esse regimen, ou dos homens d'esse regimen, que durante annos ninguem descobriu nem houve maneira de pôr em exercicio, acreditando assim, em favor dos *paivantes* de todas as epocas, um regimen que quanto mais se afundava mais elles diziam que era excellente e o unico capaz de salvar a nação?

Esquerda dinastica, progressistas, regeneradores, *thalassas* todos deram as suas provas no governo da nação e a cada prova ella mais se atolava, mais se afundava, mais se desacreditava, mais se compromettia politica, financeira e economicamente.

Todos mostraram o que eram e o que valiam.

E 80 annos de licção julgo que deve ter chegado.

A segunda *entente* entre povo e governos, fez-se em Evora Monte em 1834. O governo constitucional tomava conta da nação, promettendo zelar-lhe os interesses. Não foi a sua conducta de molde a agradar inteiramente e em setembro de 1836 exigiram-se as primeiras contas.

Prestou-as o governo de boamente e prometteu de novo collaborar na felicidade do paiz, adoptando a constituição de 1822 com modificações.

As promessas, porém, houve difficuldade em cumpril-as, e o governo lá foi marchando aos trambulhões até que novo ajuste de contas se esboçou em agosto de 1839, soffucado a tempo.

As coisas peoraram. Novas contas foram pedidas ao governo em fevereiro de 1844 por José Estevam, Estevam de Vasconcellos e o Conde de Bomfim. O ajuste malogrou-se e tudo peorou. O povo começava a cançar e em maio de 1846 ajustou contas novamente, mas agora a valer.

Novas promessas de bom governo, momentaneas liberdades, fogos de vista—para inglez vêr, como hoje se diz—que duraram pouco, o que motivou nova apostrophe do povo ao governo do paiz em novembro immediato.

As coisas não mudaram e o povo novamente exigiu contas que o governo de eximiu de prestar pedindo o auxilio de Hespanha, que invadiu o paiz e da Inglaterra que bloqueou o Porto e de que resultou a convenção de Gramido em junho de 1847 em que mais uma vez o governo se compromettia com o povo a administrar bem o seu patrimonio.

Ainda em 1851 novo ajuste de contas em que os governos e os reis vendo que o povo os não deixava pôr pé em ramo verde, enventaram uma razoavel epoca de administração e melhoramentos, que afinal já poucos resultados deu porque... *o mal já vinha de traz.*

Illudido na sua boa fé com as aparencias de bom governo, apresentadas depois da ultima lucta, deixou-se a nação adormecer profundamente, aproveitando então governos e reis o seu somno de cansaço para a expoliarem e amarrarem.

Longo periodo se passou.

As humilhações, as privações, as miserias, as vergonhas, as arbitrariedades, as prepotencias, os vexames a que, de sociedade, reis e governos a sugeitaram, não tiveram conta.

Entorpecida pela longa inacção e manietada pela pressão que sobre ella exerciam os seus... *donos*, nada podia tentar.

A acção, se a havia, era da parte dos mandões para mais a opprimirem e espoliarem.

A essa acção tinha de corresponder reacção egual.

O povo saturou-se de escravatura, fartou-se de fome, esgotando-se ao mesmo tempo de paciencia.

Não era esse mandato que tinha conferido *ao rei a quem deu o poder* e aos ministros a quem este o entregou.

Impunha-se novo ajuste de contas e elle surgiu stricto e rigoroso.

Foi em 31 de janeiro de 1891. Mas:

................ entre portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

E d'esses alguns houve que entenderam que era mais nobre, mais honroso, vergar a cabeça como subdito até tocar com a ponta da lingua nas botas lusidías do rei, do que levantal-a altivamente como senhor até que elle a baixasse como mandatario.

O agente de contas não foi até ao fim e postas com o fracasso, rei, familia real, ministros, politiqueiros, galopins, caciques, fidalgotes de meia costella, encostados dos reaes paços, gran-senhores, vadios; todas as nulidades do sangue azul, todos os tubarões do sangue vermelho, todos os subservientes da politica e da realeza formaram a formidavel quadrilha que durante vinte longos annos infestou e pôz a saque os cofres publicos, constituiram os tentaculos d'essa *piuvre* asquerosa que ia bebendo viva a Patria inteira.

A repressão foi maior; extinctos os restos de liberdade havida, o povo mais esmagado, as contas do thesouro mais escuras e inigmaticas e quanto mais dinheiro havia, para menos chegava.

E aqui vá ainda de anedocta: quem não conhece a historia d'aquella cadelinha muito mansa, muito mansa, que a sua pequenina dôna, uma endiabrada menina, se comprazia em atormentar constantemente? Um dia tanto lhe apertou a cauda com um cordão, que o animalsito, furioso, volta a cabeça e ferra uma valente dentada na mão criminosa da pequerrucha. E' claro que no espirito da pequena houve immediatamente a mais radical mudança de... *instituições*.

Genio despotico, imperiosa, brutal, passou á mais inteira docilidade, á brandura, á meiguice.

O rei e os ministros tinham a *guita*; a nação tinha a... cauda. Rei, governos, afilhados, padrinhos, fidalgos, padres, jesuitas, beatas, etc., deram o nó; metade puchava de um lado, metade do outro. Apertaram, apertaram, apertaram mais, apertaram ainda, apertaram sempre... a nação acorda, o povo abre os olhos, reconhece que os que afinal o incommoda são justamente os que deviam respeitalol-o, e como tinha os braços e as pernas livres e apenas o corpo entorpecido pela dôr e pela somnolencia de uma existencia de sacrificios, de brutalidades, de prepotencias, de insultos e expoliações, ergue-se d'um salto, aponta a caçadeira de dois canos e crava de zagalotes os puchadores de ambos os lados.

O panico foi terrivel. Cada qual largou a fugir para seu lado como doidos com as canellas a escorrer sangue. O rei só parou em Gibraltar. Os vadios do sangue azul uns foram parar a França, outros a Inglaterra olharam para traz. A arraia meuda, comedora por conta de terceiros, para não ir para muito longe da gamella, ficou-se por Hespanha; outros alapardaram-se por ahi á cóca de melhores dias.

Foi o ultimo ajuste de contas; foi o 5 d'outubro, que acabou, finalmente, com o logro de que o povo vinha sendo victima.

Ora depois de tantas prevenções inuteis, de tantos avisos sem resultado, quem ha ahi que possa justificar de boa fé, com argumentos concretos, de valor real, attendiveis, que a nação **devia...** *pôr-se ainda mais uma vez* sob a pata de quem lhe deu provas de incompetencia, de incapacidade, de despotismo? Seria entregar a propria victima ao chicote do seu algoz, illudida pelas promessas refalsadas d'este, que aproveitaria logo a occasião para uma formidavel vingança. E o povo tinha já as costas bem retalhadas.

Seis prudentes avisos, não contando a prevenção de 28 de janeiro, teve a monarchia, de que se não arripiasse caminho, fosse prudente e tivesse juizo, o povo, a nação lhe pediria inteira responsabilidade.

Não lhe serviram os avisos; primeiro, segundo, terceiro... sexto e setimo. Não podia continuar; era demais; ou a monarchia não sabia governar, ou troçava com a tropa.

Ora tanto a tropa popular como a tropa militar não admittem graças e d'ahi o resto.

Faz hoje precisamente um anno que começou o ultimo ajuste de contas. Foi rapido e benevolo na verificação, mas inexoravel no seu veridictum.

Quem não tomou vergonha em 80 annos, tambem não a tomava agora.

A monarchia foi deposta e muito bem deposta.

Faz hoje precisamente um anno e commemora-se a data gloriosa em que o ultimo ajuste de contas reconheceu a monarchia como incapaz politica, social, economica e moralmente de continuar a governar a nação.

Entregue o mandato á Republica, só pode dizer-se se declararam descontentes ou os facciosos, que acima de tudo põem a sua *indiscutivel* opinião pessoal, ou aquelles que ás depostas instituições tinham ligados inconfessaveis interesses.

Não quer isto dizer que a Republica tenha sido impecavel na sua administração, mas quer dizer e é quanto basta, que se a grande maioria da nação se dá por satisfeita com a administração republicana é porque ella representa alguma coisa de mais limpo, de mais serio, de mais sensato e de mais moral do que no tempo da monarchia em que homens e factos ahi estão a attestar os maiores escandalos, as mais vergonhosas immoralidades, as mais asquerosas infamias.

Faz um anno que a gloriosa revolução de 5 de outubro, emmancipou a Patria da tutela d'um regimen condemnavel por si e condemnavel pelas entidades que o representavam.

E' com a alma cheia de satisfação que hoje a maioria do paiz festeja tão gloriosa data, que representa com a implantação da Republica o resurgimento de Portugal.

Viva a Republica!

**Humberto Beça.**

## Os d'Aveiro

Foi, concluso, com vista ao sr. Juiz de Direito para a respectiva sentença defenitiva, o processo dos conspiradores d'Aveiro que já haviam sido pronunciados provisoriamente e que nas cadeias da Relação do Porto se acham á espera d'este ultimo e definitivo sacramento.

Por tal motivo todas as attenções, na presente conjuctura, se voltam para o sr. dr. Regalão, tanto mais quanto é certo não restar a menor duvida de que em Aveiro tambem se tramava contra as instituições ou pelo menos contra aquelles que as defendem, o que é ainda mais infame.

Aguardamos, confiados na Justiça, a falla do sr. juiz da comarca, a quem offerecemos este bocadinho d'uma entrevista realisada no Porto, por um redactor do *Seculo*:

«Em fins de agosto, os dirigentes do *complot* marcavam a data provavel do estoirar do movimento: começos de setembro. Os reaccionarios quasi que tiraram a mascara e viu-se d'ahi por deante todos elles manifestarem a maior alegria pela approximação do que elles consideravam o instante decisivo. Muitas noites, na Praça Nova, eu proprio surprehendi alguns d'esses imbecis ameaçando baixinho os republicanos em evidencia: *Chegou a hora*, diziam,—*não tardará o ajuste de contas.* E nos

rostos espalhava-se-lhes indisivel contentamento.

«Por essa occasião entravam na cadeia do Porto os conspiradores presos em Aveiro e os dirigentes do *complot* começaram a visital-os assiduamente, transformando em pouco tempo o edificio n'um verdadeiro centro de reunião, propicio ás suas machinações. A auctoridade local prevenia do abuso o ministerio da justiça e a *thalassaria* foi forçada a procurar outros coios, aproveitando então o Asylo do Terço, o Circulo Catholico, a Associação Catholica, etc.»

# Coisas & tal

### Palavras de despeito

Segundo o orgão do sr. Machado Santos a causa dos successos occorridos ultimamente no norte deve-se ás *medidas irritantes do governo Provisorio* que pelo visto continua a ser alvo de asperas censuras do *Intransigente* mesmo ainda depois de ter terminado a sua missão.

Para o que havia de dar ao heroe da Rotunda! Se não existisse seria preciso invental-o para gaudio da thalassaria e de mais *patriotas* que lhe fazem elogios.

### Outras de justiça

Do mesmo jornal referindo-se á nomeação do sr. Ribeiro d'Almeida para governador civil d'este districto:

«Foi nomeado Governador Civil de Aveiro o nosso amigo Julio Ribeiro de Almeida, official de marinha distincto, caracter limpidissimo, intelligencia culta, republicano de sempre e sempre, como republicano, ao lado dos que querem uma republica honesta e limpa em que caibam todos os que amando a terra em que nasceram, sirvam com amor e com fé as instituições que de Portugal hão-de fazer um grande, um bello e um glorioso paiz.

Ribeiro d'Almeida que durante annos foi capitão do porto de Aveiro, que como tal foi ali um dos primeiros a proclamar a Republica, conhece o districto que vae dirigir e conhecendo-o, como ninguem, pode acalmar os espiritos, fazer justiça e fazer, sobretudo, uma grande e fecunda obra de saneamento moral e politico.

Não o felicitamos porque não é para isso o cargo, mas felicitamos Aveiro e felicitamos a Republica. Ribeiro de Almeida é um funccionario que honra uma cidade e um regimen.»

Não sei como tal. O *Intransigente* que nada o contenta nem satisfaz n'este regimen que o seu director ajudou a implantar—o motivo sabe-se—fallou uma vez verdade. Comtudo não felicitamos o sr. Ribeiro d'Almeida porque os mesmos adjectivos de que agora o *Intransigente* se serve para festejar a sua nomeação de governador civil d'Aveiro já os elle empregou no celebre *cirurgião dos hospitaes*, que para aqui nos impingiu, e, francamente, esses não honram ninguem.

Antes pelo contrario.

### Valores entendidos?

O sr. Jayme de Magalhães Lima publicou na *Educação*, de sabbado, um artigo que termina assim:

«Temos tido uma epocha de radicalismo desenfreado, um trabalho de camartelo sem repouso.

Esperemos a reacção. Tem de ser. E' inevitavel, porque uma lei superior da vida das sociedades a exige. Dentro ou fóra da republica, essa circumstancia pouco importa e nada significa.

Esperemol-a, e sobretudo preparemo-nos para ella, para lhe aproveitar o que de salutar possa trazer-nos e para lhe evitar o que de nocivo necessariamente ha-de conter.»

No mesmo dia os jornaes davam conta em successsivas edicções de tumultos fomentados e produzidos pelos *thalassas* e clericaes do Porto e outras terras do norte, motins e desordens que deram logar a que se effectuassem muitas prisões e á *révanche* dos republicanos.

Como se entende isto se o tempo dos *prophetas* já lá vai?...

### Tudo lhes serve

A *Vitalidade* depois de dar conta e publicar os nomes das escolas que ultimamente foram postas a concurso nas differentes freguezias dos concelhos d'este districto, commenta:

«Quando nos lembramos dos encargos com as novas escolas que vão pezar sobre as camaras no principio do proximo anno, não sabemos que lamentar mais—se a sorte dos municipio, se a sorte dos professores.»

Não se afflija o articulista. Bem sabemos que a instrucção nunca foi coisa que interessasse aos governos da monarchia nem tão pouco aos que a exploravam e a quem por isso mesmo convinha a bruteza do povo. Dinheiro não ha-de faltar, creia. Porque, como sabe, os processos de administrar agora são outros muito differentes d'aquelles que o diccionario consagra com a palavra *esbanjamento* quando não iam até á pratica de verdadeiros roubos.

Olhe o que se fez na camara d'Aveiro...

### Será o gatuno?

Entre o horda de assalariados, presos, no Porto, por occasião dos motins do fim da semana ultima, conta-se um Manuel de Oliveira que pelas indicações dos jornaes nos parece o correligionario e companheiro do *Jayminho do Homem Christo*.

Será elle realmente? Se é, muito nos apraz registar a sua nova prisão que pelo menos livra os transeuntes de serem assaltados na algibeira por esse *correligionario* de Paiva Couceiro.

### Um conselho

Affonso Costa, discursando domingo na inauguração do *Centro Republicano Democratico*, diz, dirigindo-se ao governo:

«Não faça leis de excepção, não estabeleça tribunaes especiaes, não fuzile ninguem, mas applique severamente a lei. Os que estão presos por terem conspirado contra a Republica teem gosado de todos os favores da politica de atracção, fazendo livremente actos, recebendo visitas, dando-se a luxos de todas as naturezas e a todos os prazeres, até ás satisfações da carne. E' preciso que isso acabe, pois que o momento em que se descobre uma conspiração, que certamente tem ramificações, não é o mais proprio para benevolencias. Recolham-se os criminosos ás prisões, meta-se cada um em sua cela, para que não possam mais armar-se e concertar-se para uma revolta, consinta-se-lhes que falem ás familias embora a monarchia não o consentisse, mas deante de um guarda de confiança. Esta é a obra immediata, a mais simples, que ficará concluida com o julgamento de todos os conspiradores. Mas ha depois d'ella uma obra mais larga, mais ampla: defender o terreno conquistado para quebrar as armas do jesuitismo, fazer as grandes reformas financeiras e economicas para interessar o paiz inteiro na marcha da Republica. Esta é a politica da coordenação, contraposta á da atracção que significou um apelo aos adversarios declarados para que viessem governar.»

Assim mesmo. Affonso Costa interpetrou bem, a nosso vêr, o sentir de todos os portuguezes que como elle soffreram e se sacrificaram pela Republica n'uma lucta constante e de longos annos.

Como s. ex.ª nós bradamos hoje: basta de contemplações para quem tão ignobilmente tem abusado da generosidade concedida pelo novo regimen!

Basta!

# Infanteria 24

De regresso da fronteira, onde durante 45 dias desempenhou o arduo e violento serviço de vigilancia, em postos avançados, chegou o batalhão d'infanteria 24, dividido em 4 companhias, e que aqui foi recebido nas noutes de sexta sabbado domingo, e segunda-feira.

Aguardadas com todo o enthusiasmo pela cidade, a recepção, porém, dispensada á ultima companhia com a qual vinha o seu brioso commandante, o nossa querido amigo major Peres, medico Zeferino Borges, tenente ajudante Lopes Matheus, official d'administração e restante pessoal—foi mais intensa e grandiosa.

A população quiz significar na pessoa do commandante da força todo o seu applauso e congratulação pela maneira altamente patriotica, firme, altiva e disciplinar como todos, officiaes, sargentos e praças cumpriram o seu dever, atravéz de todas as contrariedades, de todo o desconforto, deitados em palha nos seus postos isolados e distantes, cobertos pela ténue lona das barracas, quando a violencia do vento ao menos isso permittia.

Muito antes da hora official para a chegada do comboio, a fanfarra do asylo, seguida de muita gente para a *gare* se dirigiu, indo pouco de pois a phylarmonica *José Estevam*, que expontaneamente resolveu comparecer á recepção.

Quando ali chegados, encontrámos os srs. governador civil substituto, commissario de policia, commandantes de infanteria e cavallaria, assim como muitos officiaes das duas armas, banda do regimento, numeroso concurso de povo e muitas senhoras que anciosamente aguardavam o momento de poder saudar nos que chegavam, todos os nossos valorosos e dedicados soldados.

N'esta altura, seriam 10,30, chegou um comboio ascendente conduzindo o seraphico prior d'Oyã, preso como conspirador, acompanhado por duas mulheres e um rapaz, nosso conterraneo, presos tambem.

Divulgada rapidamente a razão d'aquella inesperada visita, com respectivo séquito militar, a multidão presente dispensou-lhe uma assuada retumbante, com sarcasmos á mistura, o que parece, e *ainda bem*, não ter encommodado o reverendissimo masmarrão, que mostrava o sorriso mais alvar que temos visto.

Serenada a *manifestação* dispensada ao *saçardote*, todas as attenções se voltaram para o verdadeiro motivo que ali nos reunia. E assim, mal o comboio entrou nas agulhas, as tres musicas executaram a *Portugueza*, os vivas irromperam enthusiasticos e as palmas atroavam o espaço, acompanhando a manifestação os passageiros numerosos do comboio que se suggestionaram com o enthusiasmo popular. O major Peres, rodeado e abraçado constantemente, mal podia avançar e alguem, de subito, erguendo-o nos braços e levantando-o outros depois, conduziram-n'o em triumpho até fóra da estação.

A manifestação n'esse momento foi extraordinaria, sendo erguidos vivas constantes ao exercito, a infanteria 24, á Patria, á Republica, etc., etc.

Desembarcados os soldados, marcharam estes para o quartel, até onde toda aquella gente os acompanhou assim como as phylarmonicas, erguendo constantes vivas ao exercito, armada, ao povo republicano, Patria livre, com formidaveis *morras*, não menos formidavelmente correspondidos, aos vis *thalassas*, aos miseraveis e repugnantes perturbadores da ordem, etc.

Um delirio!

Terminando esta sucinta descripção da maneira como foram recebidos os nossos sympathicos soldados, d'aqui os abraçamos tambem, cingindo-os n'um grande e fraternal amplexo de bôas vindas.

## VENTOSAS

### N. da R.

*Tendo a nossa redacção*
*Com pouco espaço luctado,*
*Ora só contra a funcção*
*Que ao nobre conde, o condado*
*Fez pela inauguração.*

*Foram festas retumbantes!*
*Sobresahindo o calor*
*Com que as jovens elegantes*
*Ao seu santo protector*
*Mandaram cartas galantes...*

*Remetto, immenso feliz,*
*Umas que pude colher:*
*—Conde d'Agueda. Paris.*
*—Saudade immensa de o vêr;*
*—Corro a abraçal-o. Imp'ratriz.*

*Esta então é muito linda:*
*—Boulevar d'Italianos,*
*—Conde, Paris. Choro ainda;*
*Os dias parecem annos.*
*Não olvides a Delminda...*

*E inda est'outra:—Infindo aspecto*
*—Da tua Adôa Pintor.*
*E mais esta.—Paris,* Béco.
*—Vem!* meu santo protector...
*A mulher do Anniceto.*

..............................

*A dar toda a relação*
*Seria um não acabar.*
*Lendo-as sangra o coração!*
*Não posso mais; vou findar.*
*Suffoca-me a commoção...*

* * *

**O Democrata**—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

# UMA PROCLAMAÇÃO

O illustre governador civil do Porto, nosso querido amigo sr. dr. Rodrigo Rodrigues, fez distribuir pela cidade após os tumultos provocados pelos *paivantes*, que ali se deram, o seguinte, dirigido ao povo:

*Cidaddãos*:

A reacção monarchico-clerical, ousando enxovalhar os brios e civismo da cidade do Porto com a supposição de que n'ella se podia estabelecer a séde do seu dominio de tyrannia e immoralidade, já deve ter a esta hora bem sentido a noção de que o povo brioso e livre da cidade—porque é profundamente patriota—só quer e ama a Republica, vendo n'ella a garantia do seu civismo, da sua dignidade e liberdade. A ultima tentativa monarchica falhou miseravelmente: não se fazem revoluções só com dinheiro e ideias perversas, odios jesuiticos; é preciso consciencias, é preciso que os regimens correspondam a uma necessidade historica e moral e tenham como base a justiça e liberdade.

Na hora do supposto perigo, os cidadãos do Porto provaram até que extremos são capazes de luctar pela Republica. A ordem está assegurada aqui como em toda o provincia, sendo falsos os boatos que sobre isto correm.

Agora é preciso que nós, verdadeiramente conscientes dos nossos deveres como dos nossos direitos, que temos o triumpho, continuemos a proceder com aquelle espirito de firmeza, justiça e magnanimidade até, que tanto nos engrandeceram aos olhos do mundo.

E' preciso impedir a especulação dos vendidos a quem a auctoridade ainda não pôde deitar a mão e os quaes procuram levar a população a extemos qne maculam a nossa bella obra republicana, este grande gesto de civismo do povo do Porto.

Respeitar a propriedade a nacionaes e estrangeiros e garantir a vida áquelles que se encontram sob a dependencia das auctoridades republicanas, são deveres elementares de civismo que nenhum cidadão digno de uma Republica póde deixar de exercer e fazer cumprir.

Não precisa lições de civismo o povo do Porto, como as não precisou o de Lisboa nos momentos angustiosos de perigo. Agora, é preciso voltar a tranquilidade ás consciencias que nobremente cumpriram o seu dever.

E' preciso que os bons republicanos sejam os primeiros a manifestar a sua absoluta confiança nas auctoridades que representam um governo profundamente democratico.

A ordem, o progresso e a justiça, são o lema da nossa Republica.

Cidadãos do Porto!

Em guarda aos nossos fóros de acendrado civismo:—está nas vossas mãos a honra da Republica Portugueza!

(a) **Rodrigo Rodrigues**

### "5 de outubro,,

Com este titulo recebemos um numero unico commemorativo da proclamação da Republica que o *Centro Escolar Republicano Henrique Nogueira*, de Lisboa, publicou e no qual collaboram varios escriptores de reconhecido talento.

### Encommendas postaes

Foi superiormente ordenado que pelo correio possam transitar, no continente, encommendas com o peso maximo até 6 kilos mediante o porte de 150 réis, isto é, metade da taxa que antes do 1.º d'este mez pagavam só por 5 kilos.

Esta medida é d'um grande alcance economico para o publico, como se vê.

## E' ELLE

Não resta duvida.

O *preso politico* Manuel de Oliveira, accumulando, nas horas vagas, com essa distincção, as funcções de GATUNO e um dos signatarios, junto com Jayme Duarte Silva e outros, d'aquelle immorredoiro agradecimento, quando recolhidos no convento do Jesus, onde lhe foi dispensada a *grandiosa manifestação e carinho por toda a população do concelho*, o Manuel d'Oliveira, foi novamente *harpoado*, no Porto, e lá marchou aquelle *patriota* na léva da *thalassaria pura* que o *Adamastor* transportou para Lisboa!

O *paesinho*, coitado, ficou carpindo a ausencia de mais aquelle companheiro e amigo que o *reviralho* do *reviralho*, arrebatou para Caxias e de lá, —quem sabe?—se até Loanda, Malta, Egypto e Nazareth —mundo infinito...

*Fuerza del destino*...

### Queda mortal

Quando na terça-feira, acompanhado de sua mãe e de mais irmãos, seguia para Coimbra no comboio n.º 4, que da estação d'esta cidade parte ás 5, 10 da tarde, succedeu cahir á linha ao kilometro 261, 700 entre as Quintãs e Oliveire do Bairro, o menino José da Cunha Marques Manno, de 5 annos de edade, filho do fallecido professor do lyceu d'Aveiro, dr. Ildefonso Marques Manno, o que profundamente contristou todos os passageiros que tiveram conhecimento do lugubre desastre, devido á pouca segurança da portinhola da carruagem em que viajava.

O corpo da infeliz creança, que pela sua formosura e intelligencia, era todo o enlevo da mãe, só foi levantado á passagem do comboio descendente n.º 3 em que veio até aqui para dar entrada no hospital, sendo infructiferos todos os esforços para a salvar. A pobre creança apresentava cinco enormes ferimentos na cabeça além da perna esquerda fracturada em duas partes. Um horror!

Avaliando o quanto deve ter soffrido a sr.ª D. Margarida Marques Manno no seu amor de mãe, n'estas columnas lhe significamos o nosso sentimento pedindo-lhe o acceite como sendo dos mais sinceros.

### "Vida Politica,,

Distribuiu-se agora o n.º 6 d'esta interessante publicação de Luiz da Camara Reis que se occupa nas suas paginas exclusivamente da Revolução de Outubro do anno passado.

A sua leitura sob o ponto de vista historico agradou-nos sobremaneira.

# Bandidos

A corja infame que recuou, fez hontem um anno, deante do povo revolucionario, que deu, no acto que acabava de praticar a maior lição de civismo que a historia de qualquer povo possa registar; os miseros que se afundaram sem um protesto, sem um grito de revolta, de mistura com o regimen, que personificado na individualidade do seu chefe se sumia espavorido, lançando-se dentro d'uma barcaça que o pozesse a salvo; os delapidadores da fazenda publica que passaram a fronteira sem olharem para traz, quando viram baquear o systhema politico que os acobertava; toda essa malta de sugadores e de ladrões que assaltaram os cofres do governo, das Camaras e das emprezas particulares e que tinham a saque o paiz; todas essas figuras primaciaes e indispensaveis comparsas, conhecidos nos bastidores da nefasta politica monarchica, acordaram em que, não contentes com todos os horrores do passado, deveriam de novo ferir a nota do seu *patriotismo*, tentando um movimento para a implantação da monarchia em Portugal, como se tal facto fosse possivel, fosse viavel!

Os miseraveis!

Todo o rigor da lei é pouco para tal acto!

Porque temos a distinguir: n'essa gente, desde o primeiro ao ultimo, não a anima a grandeza de uma fé, a convicção d'um principio. Uns miseraveis que vão a horas mortas, desmontar os *rails* da linha ferrea e tentam a dynamite destruir pontes, preparando formidaveis desgraças, sem outro proveito do que o sacrificio inutil de tantas vidas, esses miseraveis não pódem esperar misericordia, não pódem implorar um perdão!

Não se cortaram as linhas, como nós fizémos, para evitar communicações—aqui prepararam-se descarrilamentos, só para causar mortes, só para produzir enormes desgraças sem mais proveito do que o horror da sua propria grandeza!

Isto é um plano politico? Não; isto é obra de bandidos.

Indicar nomes, negras listas de individuos que deveriam ser mortos—chamados á traição e chacinados—isto é um plano politico, um plano revolucionario para um fim determinado?

Não; isto é um plano d'assassinos, um plano que faria honra a João Brandão!

Não ha, repetimos, a fé d'um principio, nem a elevação d'um sentimento.—Ha apenas a ambição e nomeadamente o despeito da annullação d'essas individualidades, ou sejam ellas um Paiva Couceiro, um conde d'Agueda, um Christo, um *Mijarêta*.

Para a realisação de todos os seus ruins intentos, não se vacilla nem se trepida deante dos maiores crimes.

No quartel do 6, um sargento dá veneno ao impedido d'um official, para deitar-lh'o no chá e offerece-lhe, como pagamento d'este simples serviço á futura monarchia—10$000 réis! Outros preparam centenas de mortes, desmontando *rails*. Outros atiram bombas para grupos que tranquillamente observam o que se passa e matam creanças.

Mas como depoimento insuspeito, como prova indiscutivel dos sentimentos e da nobreza do ideal, animadores da malta que tão estupida e imbecilmente se revelou, trasladamos o final do manifesto que, impresso, esperava o momento azado para a sua distribuição.

Depois de concitar *os verdadeiros portuguezes, homens, mulheres, velhos e creanças, a, n'um arranco supremo, n'um verdadeiro furacão popular, expulsar estes malandros, estes despreziveis bandidos*, termina assim *edificante*, *alevantadamente*:

**Para taes patifes todos os meios são bons. E' arma de fogo, punhal, navalha, machado, foice, forcado, paus, pedra, polvora, tudo, tudo!**

**A fogo, a tiro, a tudo!**

**A' morte, todo o carbonario, todo o mau portuguez que foi ladrão com a monarchia e é ladrão com a Republica!**

**A' morte todos os maçons, todos esses bandidos, todos esses traidores, todos esses assassinos!**

**A's armas e fé em Deus que havemos de vencer! A's armas!**

**Esperança na Virgem Santissima que nos ha-de guiar e conduzir á victoria! A's armas, por Portugal! A's armas, pela monarchia, por el-rei D. Manuel II! A's armas todos, novos, velhos, homens, mulheres! A's armas, ás armas! Salvemos a honra da nossa patria! Salvemos o futuro dos nossos filhos!**

Como pelo dedo se conhece o gigante!

Essas palavras, não é preciso nenhum nome subscrevel-as. Ellas por si dizem quem as traçou.

São d'um dos mais celebres bandidos da quadrilha monarchica! São do ex-capitão Christo, do amigo intimo de Jayme Duarte Silva!

Basta lêl-as.

São, emfim, a nitida imagem dos sentimentos e da vontade de essa cohorte repugnante e maldita que ha mezes perturba o paiz e quer assassinar os que por elle estão dispostos a sacrificar-se.

Justiça, justiça—sêde implacavel!

Punição—ferí com todo o vosso pezo, criminosos de tão horripilante grandeza. Sem tergiversações, castigae-os!

O exemplo deverá ser grande, formidavel, fructificante.

Fóra, bandidos!

### "Educação Nova,,

E' o titulo d'uma revista mensal que acaba de sahir no Porto dirigida pelo sr. Antonio Maria Guerreiro, e de que são redactores os professores e alumnos do *Instituto Grandella*.

Traz varias illustrações e é impressa em magnifico papel.

## FALSA ESPERANÇA

Sexta-feira 29—na cadeia da Relação—36 horas antes da exibição da farça revolucionaria *thalassa-clerical*.

—Pois sr. doutor, oxalá assim seja... que se vá d'aqui embora é o que desejo e pelo que ouço de v. s.ª é certo que assim o espera.

—Não ha duvida Firmino, responde o interpellado com voz retumbante e pomposa, que não parece d'aquelle corpo—não ha duvida; estarei em Aveiro domingo ou segunda, para assistir ás *festas!*...

—Assim seja, sr. doutor...

—Hade ser... Adeus Carau!...

N'aquella phisionomia á prova de toda a infamia, relampejou um olhar de colera e de dureza, descobrindo-se um leve sorriso de recondita alegria que não convinha pronunciar n'aquelle momento.

Falsa esperança!

Nem o veneno, nem os damnos nos *rails*, as tentativas de destruição das pontes e de todo o plano infamissimo, concertado a sangue frio, que por milagre não custou cen-

tenas de vidas, toda essa série de crimes, que não occorreriam aos mais estraordinarios bandidos, sortiram effeito para que se realisasse o almejado desejo!

O sr. doutor não assistiu ás *festas*, como cynicamente o disse. Porque se assistisse ellas, por certo, não se realisariam!...

Baldado empenho!

Falsa esperança.

**Nota elucidativa:**

*......Outros carbonarios incombiram-se das cadeias, porque os reaccionarios pensavam em aproveitar o primeiro momento de confusão para soltar os seus* **cumplices.**

(Do *Seculo*)

## As festas do anniversario

Secundando a iniciativa dos republicanos de todo o paiz, Aveiro celebrou, tambem, com quentes manifestações de regosijo a data a um tempo épica e gloriosa do 5 de Outubro primeiro anniversario da proclamação da Republica em Portugal.

Não foram nem podiam ser festas como aquellas que Lisboa, a terra da revolução por excellencia, celebrou com a assistencia de mais de 100:000 pessoas idas de todos os pontos, ainda os mais afastados do territorio portuguez. No entanto podemos orgulharnos de que ellas não desmereceram em nada dos sentimentos democraticos que animam a população d'Aveiro, que, á excepção de meia duzia de typorios sem valor, se associou ás festas de regosijo nacional dando-lhe a quota parte do seu quinhão para que revestissem o brilho que realmente tiveram.

Não temos tempo nem espaço para fazermos um minucioso relato de tudo quanto vimos e sabemos ter-se realisado; no entanto é do nosso dever mencionar a parte do programma que mais agradou e que foi a ceremonia da offerta da bandeira por um grupo de tricanas de Aveiro ao Batalhão de Voluntarios, o cortejo civico e á noite o fogo, as illuminações e a serenata na ria que, como era de esperar, produziram um maravilhoso effeito.

A entrega da bandeira teve a coroal-a dois eloquentissimos e patrioticos discursos proferidos da tribuna levantada no grande largo onde se effecuou, pelo governador civil em exercicio, dr. Mello Freitas e deputado Alberto Souto, discursos que a multidão, que em volta se aglomerava, sublinhou com estrepitosas salvas de palmas e freneticos vivas á Patria e á Republica. Presidiu a esse acto o ex.mo commandante de cavallaria 8 rodeado de todas as auctoridades civis e muitos camaradas seus, que expontaneamente se quizeram associar á festa dos Voluntarios.

No momento da continencia á bandeira a banda regimental, que acompanhou o Batalhão na sua marcha, executou o hymno nacional, ouvido de cabeça descoberta pelo povo, que o saudou.

De volta ao quartel e uma vez formado na parada com a sua rica bandeira de sêda, o illustre commandante do 24 dirigiu tambem ao Batalhão uma calorosa allocução, que terminou com um rasgo aloquente de oratoria, sendo muito applaudido.

* * *

Ás 3, 40 minutos da tarde passa em frente á nossa redacção, na rua Direita, o cortejo civico depois de ter atravessado já as principaes ruas da cidade cujos predios se achavam embandeirados e alguns tendo pendentes das sacadas ricas colgaduras de sêda e damasco.

Abre-o a Camara Municipal com o seu estandarte, que é seguida de todas as associações e clubs locaes, escolas, fabricas, auctoridades civis, militares e administrativas, diversas bandas de musica, Batalhão de Voluntarios, professorado, corporações de Bombeiros, Azylos, deputados do districto, *Centro Escolar Republicano*, imprensa, *Rancho de tricanas das Olarias*, Liga Naval d'Ilhavo, etc, etc., e em que figuram tambem alguns carros alegoricos entre os quaes dos sargentos d'infanteria 24, da Associação dos Lavradores, dos Bombeiros Voluntarios, dos marinheiros da Armada, isto além de innumeras bandeiras que bastante concorriam para que o conjuncto do prestito fosse, como realmente era, imponente, magestoso.

Alguns grupos saudam o *Democrata* com enthusiasmo e effusão, as bandas tocam a *Portugueza*, das janellas atiram-se flores e é assim que o cortejo atravessa até á *Praça da Republica*, onde dispersa, varava pouco das 4 horas.

* * *

Restava a ultima parte do programma: as illuminações, o fogo e a serenata.

A natureza tendo-se associado á revolução não quiz deixar de vir tambem associar-se ás festas do seu primeiro anniversario e assim é que além d'um dia de sôl esplendoroso nos deu egualmente uma noite limpida e serena de luar o que contribuiu para que a illuminação do canal da ria prendesse a attenção de todos os olhares pelos seus effeitos feericos, verdadeiramente phantasticos.

Que bello! Que bello!

A serena então excedeu tudo quanto se possa imaginar. Não temos mesmo palavras com que n'este momento possamos traduzir o quanto nos encantou esses barcos transformados em cysnes a reflectirem-se na agua mansa e chrystalina da ria e o canto dolente das nossas gentis tricanas, preso da batuta de Antonio Alves, o incansavel musico tão solicito em prestar o seu concurso para esta festa, que ha-de ser eternamente lembrada como uma das melhores que se têm effectuado no local mais bonito da cidade, tendo a presencial-a milhares de forasteiros, e, como complemento, o fogo lançado da ponte da Dobadoira, tambem digno de especial referencia e franco elogio aos pyrotechnicos que o confeccionaram.

Por ultimo cumpre-nos felicitar todos quantos trabalharam para o brilhantismo dos festejos do anniversario da Republica, que oxalá se repitam cada vez com mais ardor para honra d'esta cidade e como signal da estabilidade das novas instituições.

### Notas varias

Além da illuminação da ria tivemos a da rua da Costeira, que era tambem de bom effeito, a da *Praça da Republica* e em varios edificios publicos e particulares, como *Camara Municipal, Associação dos Bombeiros, Sociedade Recreio Artistico, Centro Republicano, Escola Industrial, Club dos Gallitos, Capitania do porto, Guarda Fiscal, Quartel, Governo Civil, Banco de Portugal*, etc., etc.

Os sargentos, soldados e cabos da guarda fiscal pertencentes ao posto de Aveiro cotisaram-se para a compra d'uma bandeira que offereceram ao seu digno commandante, tenente Costa Cabral para ser usada nos dias solemnes da Republica.

O festival do dia 4, no jardim, em que tomaram parte as bandas regimental, dos Bombeiros e José Estevam esteve largamente concorrido e animado terminando depois da meia noite.

Pelo pessoal graduado ferro-viario da estação de Aveiro foi hontem offerecido ao *Centro Escolar Republicano* para commemorar o primeiro anniversario da Republica, um soberbo retrato do ex-ministro da justiça, dr. Affonso Costa, devidamente emoldurado e que desde logo ficou ornamentando uma das paredes da sala principal.

E' digna de todo o elogio a lembrança dos ferro-viarios que assim quizeram prestar homenagem ao incomparavel estadista e um dos melhores talentos da democracia portugueza.

**Lisboa, 3**

*Presidente Commissão Municipal*

*Aveiro*

*Agradeço penhorado o convite d'essa cidade para assistir ás festas do anniversario da proclamação da Republica.*

*Na impossibilidade de acceitar o convite pela missão official de que fui incumbido pelo governo, envio meu caloroso agradecimento e associo-me jubiloso pelo povo aveirense.*

(*a*) Ministro do Fomento

**Guarda, 5 ás 10,13 m. m.**

*Presidente da Commissão Municipal*

*Aveiro*

*Peço-vos que junto do nobre povo republicano n'essa cidade sejaes o interpetre do meu profundo pezar por não poder estar hoje ao seu lado commemorando fraternal e enthusiasticamente a data gloriosissima da proclamação da Republica e prestação do meu culto ardente; grata admiração e de respeito aos denodados obreiros e soldados que com o seu esforço a implantaram.*

(*a*) Ribeiro d'Almeida.

### Livro util

Recebemos do sr. Eugenio Cezar um pequeno livrinho d'algibeira contendo a *Constituição da Republica Portugueza* coordenada alphabeticamente e os decretos complementares sobre o subsidio ao Presidente e membros do congresso, que reputamos de muita utilidade e da maior vantagem para todos quantos desejem estar a par das leis do paiz.

Agradecemos.

**Presidente,** é uma nova marca de biscoitos, que a antiga fabrica de bolachas da Pampulha, em Lisboa, fundada pelo saudoso industrial, Eduardo Costa, e hoje pertencente a seu irmão Ignacio Costa, acaba de expôr á venda.

O biscoito—*Presidente*,—é uma pequena homenagem á data festiva de 5 de outubro, anniversario da proclamação da Republica, e ao mesmo tempo uma sincera consagração ao seu honrado 1.º presidente, o dr. Manuel d'Arriaga, o decano dos republicanos portuguezes.

## BUSCAS E PRISÕES

Por causa dos acontecimentos do Porto que n'outra parte vão narrados, encontram-se presos nas celas dos extinctos conventos de Jesus e das Carmellitas para se apurar se sim ou não têm cumplicidade n'elles, os seguintes cavalheiros:

Dr. Alvaro de Athayde, professor do lyceu d'Aveiro; padre Alfredo Brandão de Campos, conhecido reaccionario d'esta cidade; Albino Nogueira, Fernando Ruella Candido, padre Manuel Lourenço Junior, Manuel Ferreira Rollo, Augusto Ribeiro, Manuel Ferreira Nogueira, sargento instructor do Batalhão de Voluntarios; Manuel Rodrigues Sereno, Alberto Antonio Henriques, dr. Joaquim Carvalho e Silva, Antonio da Silva Brinco, Guilherme Ribeiro Guerra, dr. Fernão Côrte-Real, padre Oscar d'Aguiar e Manuel Henriques Rosado, todos d'Agueda; João Augusto da Silva Maia, d'Oliveira do Bairro; Maria Rosa de Jesus, d'Oyã; padre Abel Gomes da Conceição e Silva, idem; João da Silva Pereira, idem; Umbelina Rita de Jesus, idem; Antonio Ribeiro d'Almeida e Antonio Maria Martins dos Santos, negociantes em Manaus, mas actualmente em Angeja.

Abilio Augusto Ribeiro da Silva, Alberto Fernandes, Manuel Maximiniano dos Santos, José Carvalho da Silva, Arnaldo Alves de Oliveira, Joaquim Pinto Ferreira, de Espinho e bacharel padre Luiz d'Oliveira Alves Couto, de Anta, do mesmo concelho; padre Antonio Seabra da Motta e padre Manuel José Ferreira, de Anadia e Antonio Maria da Silva Gaio, conductor das Obras Publicas na Mealhada.

Consta-nos que ainda outras prisões se tratam de effectuar no districto d'Aveiro bem como algumas buscas domiciliarias, depois do que serão remettidos para Lisboa todos os detidos contra quem se apurem responsabilidades no crime infame que tinham em vista os conspirantes paivantinos e que ia desde a alteração da ordem publica até ao descarrilamento de comboios, como está exuberantemente provado.

A policia, com o seu digno commissario á frente, trabalha com afan na descoberta dos criminosos, sendo estes por vezes e á medida que vão chegando, apupados pela populaça que em grandes magotes se junta em frente ao edificio do governo civil onde está installada.

## O CONGRESSO REPUBLICANO

**Realisa-se em Lisboa nos dias 27, 28 e 29 do corrente mez e só poderão tomar parte n'elle as collectividades e republicanos declarados antes de 5 de outubro**

Em harmonia com o § unico do art.º 6 da Lei Organica do Partido Republicano Portuguez e segundo a deliberação tomada no ultimo Congresso, realizado no Porto, é convocado o Congresso ordinario para os dias 27, 28 e 29 de outubro, n'esta cidade de Lisboa. Deve cumprir-se, para a sua constituição, o art. 8 da Lei Organica, que prescreve o seguinte:

Os congressos ordinarios e extraordinarios são constituidos:

1.º—Por delegados eleitos por suffragio directo, um por cada commissão parochial;

*a*) Emquanto, porém, não estiver regularmente organisado o recenseamento dos eleitores republicanos em cada freguezia poderão estes delegados ser eleitos pelos membros effectivos e substitutos das commissões parochiaes;

2.º—Pelos presidentes das commissões districtaes e municipaes;

3.º—Por um representante de cada associação, centro ou escola, que estejam filiados no partido;

4.º—Por um delegado de cada vereação ou junta de parochia republicanas;

5.º—Pelos deputados e ex-deputados republicanos;

6.º—Pelo Directorio e antigos membros do Directorio;

7.º—Pelos membros da Junta Administrativa;

8.º—Pelos membros da Junta Consultiva;

9.º—Pelos representantes dos jornaes republicanos, sendo dois por cada jornal diario e um por cada um dos outros.

Os congressistas não teem que apresentar bilhete de identidade.

As credenciaes que os mostrarem habilitados á representação de qualquer collectividade e que apresentarão no acto da abertura do Congresso, constituem o unico titulo de admissão que se torna preciso.

N'este Congresso só teem representação as entidades reconhecidas até 5 de outubro de 1910.

Lisboa, 29 de setembro de 1911.

O secretario do Directorio,

(a) *Eusebio Leão.*

### Collegio de Nossa Senhora da Conceição

Abre na proxima segunda-feira, 9 do corrente, este conceituado e antigo estabelecimento de educação e instrucção para meninas.

Os resultados obtidos por todas as alumnas nos exames a que foram sujeitas na ultima época, confirmam mais uma vez os excellentes créditos de que esta casa ha muito gosa.

Não houve nem uma reprovação e as distincções alcançadas foram numerosas, o que é bastante para incutir confiança em todos os chefes de familia que querem as suas filhas com uma illustração e educação sólidas, sem preconceitos incompativeis com o espirito moderno.

A's condicções hygienicas do amplissimo edificio onde o collegio está montado, allia-se a competencia do pessoal docente em cuja escolha a veneranda directora põe todo o escrupulo, motivo pelo qual não duvidamos recommendal-o como estabelecimento modelar,—o que, de certo, já tivémos occasião de fazer ao publicarmos a ultima lista das suas numerosas approvações.

### Necrologia

Falleceu em Entre-os-Rios para onde costumava ir todos os annos, o sr Alberto Pinheiro Chaves que em tempo teve um estabelecimento de ourivesaria na rua Direita.

Era irmão da sr.ª D. Alzira Chaves, a quem enviamos pezames bem como á restante familia enlutada.



# Ultima hora

## Partida inesperada do batalhão de infanteria 24 para o norte—Saudações ao exercito—Uma despedida imponente—Boatos

Sem que nenhuma razão o fizesse prever, foi inesperadamente recebida ordem para partir, sem perda d'um momento, para Bragança, o 1.º batalhão do regimento d'infanteria 24. E assim foi recebido hontem de manhã esse aviso e por difficuldade de obter-se o material do caminho de ferro indispensavel, a partida realizou-se ás 5 horas da tarde, pois a não ser essa razão, poderiam ir os nossos queridos soldados minutos após a recepção da ordem.

Assistimos a formar as companhias e todos esses rapazes, que ha 48 horas regressavam da fronteira depois de desempenharem o violento serviço de postos avançados, durante 35 dias, alguns comendo o rancho já equipados, se alinhavam na fórma, sorridentes, bellamente dispostos, integrados na seu grande amôr á patria, sem n'esses 300 rostos haver um signal d'enfado, uma ruga de contrariedade.

Alguns officiaes que lhes não cabia a marcha offereceram-se, assim como alguns sargentos.

Quaudo á voz de *marche* dada pelo digno e sympathico major Peres, commandante do batalhão a banda executa a *Portugueza*, toda aquella enorme mole de gente sentiu a emoção que nos envolveu e aquellas milhares de bocas erguiam um formidavel viva á Patria, viva a Republica. N'uma saudação constante os bravos soldados foram acompanhados até á estação, onde pelas duas margens da linha se estendeu e espalhou a multidão, que d'elles se quiz ir despedir.

O embarque faz-se rapido e ordenado, e quando toda a força embarcada, irrompeu uma verdadeira tempestade de saudações, vivas, palmas, n'um frémito que se não descreve, attingindo proporções espantosas e indiscriptiveis quando o comboio no seu arranco iniciador da marcha, se pôz em movimento.

Um delirio, uma expressão de alma de toda aquella massa de gente que em espirito e coração acompanhava esse punhado de valentes e de heroes, que bem o tem brilhantemente demonstrado que o são.

Bella viagem e que escrevam mais uma pagina de valentia e abnegação pela Patria, que tanto a têm engrandecido.

*

Uma *quête* feita na estação momentos antes da partida rendeu cêrca de 25$000 réis que foram entregues ao commandante do batalhão para serem distribuidos pelas praças, em tabaco.

E' digno de registo a fórma prompta e generosa como todos concorreram com o seu quinhão, tornando-se notada a espontaneidade com que algumas mulheres do povo deram quanto na algibeira tinham, cheias de enternecida commoção.

*

Têm corrido ácerca d'esta viagem muitos boatos desencontrados, que nos abstemos de relatar.

*Porto, 5 ás 7, 35 m. t.*

**Passaram os bravos soldados de infanteria 24 com destino a Bragança, que tiveram aqui, como em Ovar e Espinho, calorosa manifestação. Compareceram na «gare» o governador civil, dr. Rodrigo Rodrigues e o ministro do Fomento, dr. Sidonio Paes.**

C.

## Presos para Lisboa

**Seguem hoje para a capital os individuos implicados nos ultimos acontecimentos do Porto e que se acham nos conventos de Jesus e Carmelitas, em numero de 34.**

**Acompanha-os uma força de Voluntarios commandada pelo alferes Rebocho.**

## CORRESPONDENCIAS

### Requeixo, 3

*Incendio—Malvadez*

Na noute de 29 para 30 do passado mez o povo de Requeixo foi alarmado pelos gritos de *acudam ao fogo*, que alguma gente suppoz a principio uma brincadeira de rapazes. Ao toque do sino, porém, e com a insistencia dos gritos de alarme, em breve se convenceu que o caso era verdadeiro.

Accorrendo ao logar indicado, vimos que um casarão do predio habitado por Antonio Peixoto era pasto das chammas.

Apezar da promptidão dos soccorros, não se poude evitar a destruição do telhado, cujo madeiramento já se achava carbonisado. Dentro do recinto havia caruma de pinheiro, uma grande porção de lenha para cosinha, uma caixa com roupa de vestir e de cama, um leito de ferro com o respectivo colchão e travesseiro, que tudo foi destruido pelo fogo, salvando-se apenas uma pipa com vinho que estava afastada da lenha.

Informam-nos que o incendio foi posto por mão infame e criminosa, pois ali ninguem dormia e pessoa alguma entrou com luz nem sem ella. Além d'isso, nas trazeiras do casarão incendiado havia um tapamento de taboado para vedação da mesma casa com terreno e encostado á parede appareceu uma almotolia que se reconheceu servir para petroleo com o qual o malvado ateou o fogo.

Anteriormente a este incendio outro houve, tambem, lançado em outra casa, que não teve consequencias por ser visto a tempo e dominar-se com facilidade, dizendo-se que ambos são obra do mesmo individuo por as cauzas serem as mesmas.

Infeliz terra que tem dentro de si *feras* tão abominaveis!...

=A convite dos nossos amigos Manuel Dias dos Santos, estabelecido com ourivesaria em Valença; Manuel Simões Maia e José Francisco da Ponte, egualmente estabelecidos com ourivesaria em Monsão, que aqui vieram fazer as vindimas, assistimos no dia 28 a um *pic-nic* por elles offerecido, que teve logar no areal do Agueda na confluencia do Cestuma.

Passou-se uma bella tarde, saboreando-se o magnifico leitão assado, sem que houvesse qualquer nota discordante a offuscar a festa que mais parecia um convivio familiar do que um adjunto de individuos sem affinidade de parentesco.

Terminou o festim á luz da lua, parecendo que a rainha das trevas, reflectindo-se nas crystalinas aguas do Agueda, se comprazia com aquella reunião de amigos e com todos compartilhava da mesma alegria e prazer.

Na retirada foram levantados vivas enthusiasticos á Republica, á Patria, a Manuel d'Arriaga e ao governo.

Por nossa parte, não só ficámos encantados pela boa ordem e harmonia em que tudo decorreu, como em extremo penhorados com a surpreza que aquelles bellos rapazes nos prepararam.

No dia seguinte (29) Manuel Dias dos Santos, retirou para Valença, sendo acompanhado até Espinho, pela linha do Valle do Vouga, pelos seus collegas José Francisco da Ponte e Manuel Simões Maia, que em breves dias regressarão aos seus domicilios.

Que todos gozem da felicidade de que são dignos, é o que sincéramente lhes appetecemos.

C.

### Cacia, 2

Tambem aqui se projectam no dia 5 alguns festejos para commemorar o anniversario da Republica, constando-nos que o Centro Escolar Republicano trabalha no sentido de que esta gloriosa data não passe despercebida entre nós.

Assim é preciso.

=Causou sensação o artigo que o *Democrata* publicou e em que eram visados alguns vultos *importantes* d'esta região affectos á monarchia.

Só o exemplar do jornal que aqui recebo andou por tantas partes e percorreu tantas mãos que, coitadinho, quando aqui chegou quasi que o não conhecia.

Um bravo ao amigo do Ceará.

=Cordealmente cumprimentamos pelo seu regresso da Fronteira o nosso amigo, Celestido B. da Silva, digno 1.º sargento de infanteria 24 e filho do tambem nosso presado amigo e conterraneo, sr. J. J. Nunes da Silva.

O sargento Celestino educado na escola de seu bom pae, que é um perfeito homem de bem, conta aqui muitas sympathias, sendo por isso com intima satisfação que os seus amigos o veem regressar cançado do trabalho, sim, mas tambem cheio de contentamento por ter tido ensejo de prestar á Republica os seus serviços.

=Como prenoticiámos retirou para Lisboa o nosso amigo Manuel Dias Ferreira, que na praia de Espinho passou algum tempo com sua familia.

=Para a mesma cidade, seguiram egualmente os srs. José da Silva Bastos, Joaquim da Silva Mattos e Domingos d'Oliveira.

=Cartas recentes, vindas do Pará, trazem noticias d'alguns conterraneos nossos que ali habitam e aos quaes saudâmos desejando-lhes o maximo de prosperidades.

C.

### Pinheiro, 3

Devido á sollicitude dos nossos amigos, Adriano Marques, Silverio Marques, Manuel de Barros Branco e Manuel Rodrigues de Agostinho, tivémos no nosso logar grandes festejos em honra do S. Miguel, que excederam toda a nossa espectativa, proporcionando aos forasteiros uma festa completa, com procissão, arraial, illuminação e fogo do ar, prolongando-se ainda até segunda-feira com a magnifica musica de Fróssos. Viva a rapaziada de Pinheiro!

=Depois de ter soffrido uma grave operação no hospital do Porto, que infelizmente já não foi a tempo, falleceu a semana passada em S. João o desditoso moço, Antonio Henrique da Silva.

A seus paes, que não se pouparam a sacrificios, e mais familia os nossos sinceros pezames.

=A'manhã são operados pelos srs. drs. Carvalho e Breda, a filha mais nova da sr.ª Anna Henriques, de S. João, e um filho do nosso amigo Manuel Rezende, tambem da mesma freguezia.

=Retirou para Aveiro, após alguns dias de amavel convivencia, o sr. Alfredo Cezar de Brito, que aqui veiu em visita a sua familia, como referimos.

=Encontra-se com um ataque de albuminuria o nosso amigo Manuel Fernandes da Moita.

Desejamos-lhes rapidas melhoras.

C.

### Vagos, 3

A politica indecorosa que os antigos *caciques* estão fazendo n'esta terra, repugna á consciencia de todo o bom cidadão. Os padres retomaram os seus antigos postos, servindo-se dos mesmos processos e expedientes por ventura ainda mais baixos dos que por elles uzados no tempo da monarchia; e, sem o mais leve respeito pela dignidade da Republica, preparam-se já para formar uma resistencia ás intenções generosas dos republicanos que só desejam a felicidade e o progresso d'esta terra tão infeliz e desprestigiada.

Este mal mais se agravou agora com a vinda misteriosa d'um antigo *cacique*, politico bem conhecido nos centros reaccionarios do Porto e que nem sequer teve ainda a hombridade de adherir á Republica.

A sua vinda para esta terra, horas antes de rebentar a conspirata no Porto, deixou devéras intrigados todos os republicanos d'aqui.

Comprehende-se, pois, o mal que estes politicos, cheios de responsabilidades e que em todas as occasiões têm manifestado o seu desagrado á Republica, estão fazendo a esta terra, servindo-se já dos mesmos antigos processos uzados por elles no tempo da monarchia.

O orgão d'elles, o já celebre *Correio de Vagos*, é um vasadouro de calumnias e infamias, onde foi enxovalhado indiguamente o dr. Carlos Alberto, apezar de victima d'um attentado monstruoso, bem como os outros republicanos de Vagos. Mercê d'esse attentado indigno e d'essa politica tôrpe em que só elles têm responsabilidades, a nossa terra desprestigiou-se, sendo nós obrigados a confessar sinceramente a nossa magua dizendo-nos filhos d'uma terra em que os politicos não hesitam recorrer ao crime desde que possam satisfazer a sua ambição.

Elles que no momento do attentado ao dr. Carlos Alberto se sentiram possuidos d'um pavor indiscriptivel, confessando-se arrependidos da sua politica nefasta e perigosa, arreganham já a dentuça raivosa, fazendo publicamente a apologia do crime e affirmando com o mais nojento cinismo que elle era necessario para que os republicanos não possam destruir o poder de que elles—os reaccionarios—dispunham.

A nossa terra está assim.

Não é em vão que protestamos contra este inqualificavel estado de cousas, esperando que os cidadãos que superintendem na politica do districto reparem n'esta terra, infeliz e desprestigiada.

Pela nossa parte, como republicano, lavraremos o nosso protesto altivo e sincero nas columnas do *Democrata*, jornal que por Vagos tem mostrado em todas as occasiões uma sincéra e leal dedicação.

*João de Vagos.*



## ANNUNCIO

2.ª publicação

*Silverio Ribeiro da Rocha e Cunha, capitão do porto de Aveiro:*

Faço saber que no dia 9 do proximo mez de outubro, pela 1 hora da tarde, n'esta cidade de Aveiro e na séde da capitanía do porto se hade proceder á venda, em hasta publica, de 2 ancoras que foram encontradas uma no canal da Barra e outra no fundo do mar da Costa Nova do Prado.

Para a 1.ª, que é a maior e que tem 2 metros de amarra, a base de licitação é de réis 12$000; e para a 2.ª que tem 14,m 30 de amarra é de réis 7$000.

Capitanía do porto de Aveiro, 20 de Setembro de 1911.

O capitão do porto

*Silverio Ribeiro da Rocha e Cunha.*